

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CAMPUS CURITIBA LICENCIATURA EM LETRAS – INGLÊS

YASMIN CANELA FERREIRA

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO R EM POSIÇÃO DE CODA FINAL:
ESTUDO DE CASO COM UMA FALANTE BILÍNGUE DO SUL DO
BRASIL**

CURITIBA

2021

YASMIN CANELA FERREIRA

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO R EM POSIÇÃO DE CODA FINAL:
ESTUDO DE CASO COM UMA FALANTE BILÍNGUE DO SUL DO
BRASIL**

Pesquisa apresentada como requisito obrigatório à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2, integrante da grade do curso de Licenciatura em Letras – Inglês do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas do campus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientação: Profa. Dra. Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque

CURITIBA

2021



TERMO DE APROVAÇÃO

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO R EM POSIÇÃO DE CODA FINAL:
ESTUDO DE CASO COM UMA FALANTE BILÍNGUE DO SUL DO
BRASIL

por

YASMIN CANELA FERREIRA

Monografia apresentada às 14 horas do dia 13 de maio de 2021 como requisito parcial, para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação e conferidas, bem como achadas conforme, as alterações indicadas pela Banca Examinadora, o Trabalho de Conclusão de Curso foi considerado APROVADO*.

Prof.^a Dr.^a Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque

Prof.^a Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia de Castro Gomes

Membro titular

Prof.^a Dr. Gustavo Nishida

Membro titular

* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.

Aos meus pais, que me ensinaram o valor da
educação e são o meu maior apoio.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por simplesmente permitir minha existência e me proporcionar tantas oportunidades incríveis.

Agradeço, com muito afeto, a minha professora orientadora Jeniffer Albuquerque, por tudo que me ensinou, por toda paciência e carinho. Sua empatia e dedicação fizeram toda diferença durante este processo. Obrigada por me orientar e por me ensinar tanto!

Agradeço a professora Maria Lucia de Castro Gomes por sugerir o tema deste estudo, por me apresentar a fonética.

Agradeço o professor Gustavo Nishida por todas as dicas e contribuições essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço meus pais, Kathia e Pedro, por sempre me apoiarem em tudo, por me amarem incondicionalmente, pela educação que me foi dada e por serem o meu lugar seguro. Eu amo vocês!

Agradeço meu amor, o meu noivo Fabio, meu lugar feliz para onde fujo sempre que me encontro ansiosa. Obrigada por todo amor, apoio e ajuda com questões tecnológicas. Obrigada por me fazer feliz em qualquer circunstância!

Agradeço meu irmão Rodrigo, meu primeiro amigo que, mesmo distante, me faz rir e me ensina tanto. Obrigada pelas trocas de vídeos engraçados e fofocas diariamente. Ninguém tem um irmão tão bom e legal quanto o eu!

Agradeço minha grande amiga-irmã Thalya por todo apoio, parceria e amor. Obrigada por ser minha irmã curitibana, por toda parceria na graduação e na vida. Obrigada por sempre enxugar minhas lágrimas e por sempre rir comigo segundos depois. Você é uma pessoa incrível!

Agradeço meus amigos, Leonardo, Felipe e Bruno, por todas as risadas e cafés em manhãs tão longas e cansativas. Rir com vocês é maravilhoso!

Agradeço a minha amiga Dani, companheira de graduação, vizinha e grande amiga. Obrigada por me apresentar ao DIRAV, por cuidar dos meus pets e pela conversa agradável e longa de sempre.

Agradeço as minhas amigas, Barbara e Fabíola, pela parceria tão boa em trabalhos e pelas conversas gostosas em manhãs tão frias.

Agradeço todos os professores do curso de Letras Inglês da UTFPR que foram essenciais durante essa trajetória. Agradeço também todos os professores que tive durante minha vida escolar. Sem vocês, o sonho do ensino superior jamais seria realizado. Muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar, qualitativamente, a produção do rótico em posição de coda final, em palavras do português brasileiro (PB) e do inglês por uma falante brasileira bilíngue, sendo o PB sua L1 e inglês sua L2. A informante do estudo é uma mulher adulta bilíngue e docente do ensino superior no curso de Letras Inglês da UTFPR-CT, local onde utiliza sua segunda língua com relevante frequência. A coleta de dados desta pesquisa ocorreu em duas etapas, realizadas de forma remota, em 2020: entrevista semiestruturada e gravação de 144 sentenças-veículo, sendo 72 em português (27 sentenças-alvo e 45 distratoras) e 72 em inglês (30 sentenças-alvo e 42 distratoras). Após a coleta, os dados foram analisados por meio de uma análise qualitativa baseada em uma inspeção visual dos espectrogramas e na mensuração da frequência de ocorrência dos róticos identificados. Os resultados obtidos para o PB apontaram uma maior ocorrência do rótico tepe, em comparação com o que a literatura da área aponta como a produção habitual para a região de origem e residência da informante (BOTASSINI, 2013). Em relação ao inglês, a análise revelou uma considerável influência dos padrões de róticos produzidos pela informante em PB em sua pronúncia da *r-colored vowel* em inglês. Toda a pesquisa e análise dos resultados foi feita a partir do olhar da sociolinguística e, em especial, da sociofonética, que nos mostrou como a identidade pode influenciar nas escolhas linguísticas do falante.

PALAVRAS-CHAVE: Róticos; Sociofonética; Sociolinguística; *r-colored vowel*; Bilíngue; Variação Linguística.

ABSTRACT

The present research aims to analyze, through a qualitative analysis, the production of the rhotic in the final coda position, both in Brazilian Portuguese (BP) and English, by a Brazilian bilingual speaker, where BP is her first language and English is her L2. The participant is a bilingual adult woman and a professor in the English Language course at UTFPR-CT, where she uses her second language with relevant frequency. The data collection was organized in two phases, a semi-structured interview, which was carried out remotely, in 2020, and recording sections of 144 vehicle sentences, 72 in Portuguese (27 target sentences and 45 distracting sentences) and 72 in English (30 target sentences and 42 distractors). After the last phase, the piece of data was analyzed through a qualitative analysis based on a visual inspection of the spectrograms and on the measurement of the frequency of occurrence of the identified rhotics. The results obtained for the BP pointed out to a higher occurrence of the rhotic tap, in comparison to what the literature in the area presents as the usual production for the region of origin and residence of the informant (BOTASSINI, 2013). Regarding the English production, the analysis revealed a considerable influence of the rhotic patterns produced by the informant in BP in her pronunciation of the r-colored vowel in English. All the research and analysis of the results was made from the perspective of sociolinguistics and, in particular, sociophonetics, which showed us how the identity can influence the speaker's linguistic choices.

KEYWORDS: Rhotics, Sociophonetics; Sociolinguistics; *r-colored vowel*; Bilingual; Linguistic Variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Forma de onda, espectrograma e espectro de frequência de uma fricativa velar não-vozeada na palavra esperto (CAMPOS <i>et al.</i> , 2013).....	18
Figura 2 – Forma de onda e espectrograma de um tepe na palavra lazer (Clemente, 2005)....	20
Figura 3 – Forma de onda e espectrograma de um retroflexo na palavra faquir (Clemente, 2005)	21
Figura 4 – Forma de onda e espectrograma de uma aproximante alveolar na palavra porta (Leite, 2004)	22
Figura 5 – Forma de onda e espectrograma na palavra vir.....	30
Figura 6 - Forma de onda e espectrograma na palavra mir	31
Figura 7 – Forma de onda e espectrograma na palavra <i>color</i>	34
Figura 8 – Forma de onda e espectrograma na palavra <i>car</i>	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Róticos identificados em português e frequência de ocorrência	29
Tabela 2 – Róticos identificados em inglês e frequência de ocorrência.....	33

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

F1 – Primeiro formante

F2 – Segundo formante

F3 – Terceiro formante

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

PB – Português brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOCIOLINGUÍSTICA	13
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA	13
2.2 SOCIOFONÉTICA	15
3 RÓTICOS	17
3.1 DESCRIÇÃO DAS VARIAÇÕES DOS SONS DE “R” PARA O PORTUGUÊS E PARA O INGLÊS	17
3.1.1 Português	18
3.1.1.1 Fricativa	18
3.1.1.2 Tepe	19
3.1.1.3 Aproximante Retroflexa	20
3.1.1.4 Aproximante Alveolar	22
3.1.1.5 Contribuições de estudos sociolinguísticos sobre variações de róticos no PB	23
3.1.2 Inglês	24
3.1.2.1 <i>r-colored vowel</i>	24
4 METODOLOGIA	25
4.1 OBJETIVOS	26
4.2 INFORMANTES	26
4.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA E INFORMAÇÕES SOBRE A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	27
5 ANÁLISE DE DADOS	28
5.1 PORTUGUÊS	29
5.2 INGLÊS	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	41
APÊNDICE A	41
APÊNDICE B	43
APÊNDICE C	44
APÊNDICE D	45

1 INTRODUÇÃO

Desde o começo do século XX, o inglês tem sido considerado como uma língua internacional em decorrência do poder econômico e militar da Inglaterra, e principalmente, dos Estados Unidos adquirido pós-guerra (CRYSTAL, 1997). Desse modo, atualmente a língua estrangeira moderna mais frequentemente utilizada em trocas linguísticas por pessoas de diferentes nacionalidades é a língua inglesa. Seguindo essa tendência mundial, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil, sugerem o ensino da língua inglesa como língua estrangeira moderna em escolas de ensino básico. Além disso, a expansão dos meios de comunicação e os avanços tecnológicos também têm contribuído para a presença da língua inglesa no Brasil. Nesse contexto, a pesquisa a respeito da pronúncia de língua inglesa por aprendizes brasileiros é relevante, especialmente se considerada a influência das variações do português brasileiro.

O PB e o inglês possuem diferenças fônicas (não só em relação ao sistema fonológico, mas também em relação às possíveis variações de produção de determinados segmentos), o que pode causar certa dificuldade na pronúncia por parte dos brasileiros. Apesar disso, é possível notar algumas semelhanças fonéticas entre variedades das duas línguas. Por exemplo, a pronúncia do r em coda, ou a chamada *r-colored vowel* (LADEFOGED E JOHNSON, 2011) pronunciada no inglês americano, é considerada pela literatura como semelhante à aproximante retroflexa, presente em algumas variedades do português brasileiro.

De modo a analisar a variação na produção desses dados do PB e do inglês várias perspectivas linguísticas poderiam ser acionadas. No entanto, entendemos que a análise de um objeto extremamente variável, como é o caso da língua, em especial do segmento rótico analisado, poderia se beneficiar do olhar de teorias linguísticas que olhem para produção dos falantes em sua dinamicidade e complexidade. Nesse sentido, entendemos que a área de sociolinguística e, em especial, a sóciofonética (GUILHERME, 2015) podem lançar luzes para os dados desta pesquisa.

É possível notar que há uma variação na produção do r em posição de coda silábica final no PB e, com base nessa variação e nas características acústicas envolvidas na produção desse som, acreditamos que falantes brasileiros de língua inglesa podem utilizar o padrão dos róticos de sua variedade do PB como base para o inglês. Posto isso, a presente pesquisa busca analisar, em um estudo de caso, a produção do r em coda silábica final em palavras do PB e do inglês por uma falante brasileira. Ademais, por meio de uma comparação entre os dados produzidos pela informante em inglês e em PB, buscamos verificar se há a transferência de padrões dos

róticos do PB para o inglês, e se o nível de fluência influencia na pronúncia da *r-colored vowel* em coda.

Para tanto, organizamos o texto de modo que primeiro apresentamos alguns fundamentos da sociolinguística e, em especial, da sóciofonética que norteiam este trabalho. Após, adentramos em uma observação geral sobre a distribuição dos róticos em posição de coda final do PB e do inglês e trazemos contribuições de estudos da área que trazem achados sobre sua variação. Posteriormente, apresentamos a metodologia utilizada no trabalho e, na sequência, a análise dos dados. Por fim, delineamos as considerações finais e apresentamos as referências utilizadas na pesquisa.

2 SOCIOLINGUÍSTICA

Neste capítulo, apresentaremos um breve panorama histórico e conceitos-chave a respeito da língua, sociedade e bilinguismo, a partir da visão da sociolinguística e sóciofonética. Adotamos essa visão para investigar nossos dados por entendermos que ambas olham para a produção de dados dos falantes de modo a entender que os processos de variação e acomodação de diferenças na produção fazem parte de uma narrativa linguística do falante e podem nos prover importantes pistas para processos com grupos maiores de falantes.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é a área da linguística encarregada de estudar o vínculo entre língua e sociedade. De acordo com Guilherme (2015), é importante destacar alguns conceitos pertencentes à sociolinguística para melhor compreendê-la, são esses: variedades, variantes e variável. Para Tarallo (1985, apud GUILHERME, 2015, p. 18), as variedades de uma língua são os modos como essa pode se expressar. Segundo Guilherme (2015), nesse campo de estudo as variedades linguísticas podem ser investigadas a partir de duas perspectivas: sincrônica, baseada em um momento específico, e diacrônica, baseada no decorrer de um período. Embora a análise diacrônica tenha sido largamente utilizada no início dos estudos linguísticos (e seja acionada em diversas análises ainda hoje para entender a mudança em diversos processos linguísticos), as análises sincrônicas têm sido mais utilizadas e são capazes de mostrar recortes temporais interessantes sobre o falar de uma determinada comunidade.

William Labov, principal pesquisador desse campo, é considerado fundador da sociolinguística variacionista, pois a partir de seus estudos o modelo teórico metodológico pertencente à sociolinguística quantitativa foi consolidado. “Os estudos de William Labov,

iniciados na década de 60, representam um marco no entendimento da heterogeneidade linguística emergente do uso concreto que os usuários fazem da língua.” (SILVA, 2014, p. 73).

Dentre as pesquisas de Labov, se destaca *The Social Stratification of English in New York City (1966)*, a qual o autor tem como objetivo entender a relação entre as variações da consoante “r” e o nível socioeconômico dos falantes. A coleta de dados ocorreu em lojas de departamento, de diferentes classes sociais, em Nova York. Anonimamente e sem informar que estava realizando uma pesquisa, Labov solicitou uma informação a alguns vendedores, realizou uma análise de oitiva e anotou suas observações. A partir de sua análise, William Labov, constata que a pronúncia da consoante em questão pode variar de acordo com o nível socioeconômico. Dentre as três lojas utilizadas na pesquisa, é destacado que os vendedores pertencentes a considerada de nível social médio, apresentaram uma variação próxima a encontrada na loja de nível social alto. Sendo assim, é possível concluir que a variação frequentemente utilizada em nível social mais elevado é a com mais prestígio e desejada a ser alcançada.

A partir de seus estudos, William Labov inaugura uma nova visão da relação língua-sociedade. Segundo Silva (2014), a publicação de *Sociolinguistic Patterns (1972)*, de Labov, foi fundamental para a consolidação da Teoria da Variação, modelo teórico metodológico que relaciona a língua a fatores sociais. Embora os estudos de Labov tenham como foco a L1, é importante salientar que variações linguísticas também ocorrem na L2.

Em relação ao método de pesquisa laboviano, é interessante notar a repercussão e influência existente nas pesquisas até o presente momento. Entre suas influências, podemos colocar um foco específico no modo como nos aproximamos dos participantes de uma pesquisa e entendemos que os dados sobre quem são, de onde vieram, como observam sua fala estão extremamente relacionados com sua fala. Nesse sentido, nos alimentamos dessa noção de que a entrevista semiestruturada releva importantes informações linguísticas sobre os falantes de uma determinada comunidade e esses retroalimentam a análise acústica, de modo a entendermos, de modo mais aprofundado, um pouco mais sobre a identidade linguística dos falantes.

Após o estabelecimento da Sociolinguística Variacionista, surge o termo identidade linguística, visto que a língua passou a ser estudada, de forma mais robusta, como um objeto essencialmente heterogêneo. Os estudos variacionistas buscaram relacionar a heterogeneidade da língua aos fatores sociais, caracterizando assim padrões sociolinguísticos (HENRIQUE e HORA, 2015). Labov, principal nome da Sociolinguística Variacionista, em seu estudo sobre

as diferentes pronúncias dos ditongos em Martha's Vineyard, investiga a influência da identidade linguística na fala dos nativos da região. A diferenciação na pronúncia, por parte dos nativos em relação aos turistas, manifesta o papel de símbolo identitário.

É interessante notar, contudo, que essa relação entre sotaque, por exemplo, que nos parece bastante transparente não possui uma existência pacífica para os falantes conforme Santos (2015) nos aponta. “Enquanto convive com o seu grupo, o sujeito interage de modo inconscientemente não tendo noção do que é sua identidade ou sem ao menos pensá-la como diferente no mundo.” (SANTOS, 2015, p. 37).

Nesse sentido, conforme adiantamos na introdução deste trabalho, ao longo dos anos a sociolinguística foi se especializando de modo a entender a necessidade de observar como as mudanças e variação na fala dos sujeitos pode ser melhor compreendida com um olhar mais próximo de características, detalhes de sua produção. Assim, a sociofonética tem se mostrado uma subárea de investigação que possui foco em relacionar o social a produção e percepção da fala

2.2 SOCIOFONÉTICA

O termo sociofonética foi empregado pela primeira vez, de acordo com Fokes *et al.* (2010, p.703), no estudo sociolinguístico variacionista de Deshaies – Lafontaine sobre o francês canadense em 1974. Entretanto, o autor afirma que o primeiro estudo declaradamente sociofonético foi publicado apenas em 1982 por Dressler e Wodak. Embora o termo seja utilizado desde 1974, somente na década de 1990 pesquisas descritas como ‘sociofonéticas’ obtiveram um número expressivo de publicações, expandindo assim o campo de estudo. Segundo Silva (2014), durante as primeiras décadas, estudos da área em questão tinham como foco a produção de fala, porém após a sua expansão passou a analisar também temas relativos à percepção de fala.

Assim como o nome sugere, a sociofonética compreende a associação de concepções, métodos e teorias da fonética e os da sociolinguística. Contudo, atualmente, a sociofonética não é limitada somente a concepções, métodos e teorias das áreas citadas, mas também da psicolinguística, aquisição de primeira e segunda língua e linguística computacional (FOLKES *et al.* 2010). Sendo assim, Folkes *et al.* (2010) sintetiza os objetivos da disciplina em foco da seguinte forma: identificar e contabilizar como a variação socialmente estruturada no sistema sonoro é aprendida, cognitivamente armazenada, subjetivamente avaliada e processada na produção e percepção de fala.

Nesse sentido, é possível notar que áreas como a sociofonética, em intersecção com outras, como a psicolinguística, passaram a investigar fenômenos de mudança e variação provindos não só de dados de língua materna, mas também de desenvolvimento linguístico de uma L2. As primeiras pesquisas procuravam transpor os achados de L1 para os de L2, no entanto, a literatura sobre bilinguismo e as diferenças de processamento de informação por monolíngues e bilíngues se tornou mais robusta e passou a ser investigada com um olhar mais específico.

O falante bilíngue é comumente caracterizado como um indivíduo que domina pelo menos duas línguas. Entretanto, a definição do termo tem sido motivo de diversos estudos visto que os falantes estão inseridos em diferentes contextos e possuem características distintas (Silva, 2014). De acordo com Silva (2014), o indivíduo bilíngue é aquele que alterna o uso de duas ou mais línguas, independentemente do nível de proficiência nas habilidades linguísticas dos idiomas que está familiarizado.

Grosjean (2008), pontua em seu artigo o *continuum* situacional em que os falantes bilíngues estão inseridos, que os levam a se expressarem de diferentes modos. Segundo o autor, em uma extremidade desse *continuum* situacional o falante bilíngue está em estado monolíngue, onde somente uma língua está em uso enquanto a(s) outra(s) está(ão) adormecida(s). Contudo, Grosjean (2008) saliente que para um bilíngue uma língua nunca está totalmente adormecida. Fato perceptível através das interferências linguísticas produzidas por bilíngues: sotaque, estruturas sintáticas, tonicidade, entre outras. Em outra extremidade do *continuum* situacional, o indivíduo se encontra em estado bilíngue, o qual é definido pelo autor como o momento onde os falantes bilíngues interagem entre si a partir da escolha de uma língua comum aos interlocutores.

Normalmente, os bilíngües, durante suas interações diárias com outros bilíngües, agem sem perceber os vários fatores psicológicos e sociolinguísticos que os induzem à escolha de uma língua ao invés de outra. (GROSJEAN, 2008, p. 168).

Apesar de durante o estado bilíngue, uma língua em comum aos interlocutores ser escolhida, o autor afirma ser possível que uma língua convidada surja durante a interação. Sendo assim, a língua definida como base para a interação pode ser mudada diversas vezes, por diferentes motivos como: sanar uma necessidade linguística, expressar emoções, restringir

informações, marcar uma identidade, entre outros. Desta forma, é possível concluir que para um falante bilíngue as duas ou mais línguas, que esse domina, estão sempre operando em conjunto.

3 RÓTICOS

A classe dos róticos corresponde, tradicionalmente, ao conjunto de sons atribuídos à pronúncia da consoante “r”. De acordo com Barbosa e Madureira (2015), os chamados sons de “r”, os róticos, são produzidos de formas variadas no português e em outras línguas, como o inglês, espanhol, francês, entre outras. Os autores adicionam que essa variedade ocorre em línguas diferentes e, também, em uma mesma língua, como é o caso do PB.

As variações de róticos ocorrem conforme a posição da consoante “r” em uma palavra. Segundo Cristófar-Silva (2012), o “r” pode ocupar as seguintes posições no português brasileiro: intervocálica (barra), posterior à consoante (prato), início de palavra (rato) e final de sílaba (mar), a qual é chamada posição de coda final. A posição em que os róticos estão sujeitos à maior variação, devido a elevada quantidade de modos de articulação possíveis, que variam de acordo com o dialeto do português brasileiro, é a de coda final.

De acordo com Gregio (2012), em posição de coda final os sons de “r” possíveis no PB são: tepes, vibrantes, aproximantes e fricativas. Segundo Cristófar-Silva (2005), a língua inglesa apresenta duas possibilidades de produção da consoante “r” em posição de coda: a não produção ou a pronúncia de uma consoante retroflexa, semelhante à aproximante retroflexa do português brasileiro, nomeada por Ladefoged e Johnson (2011) como *r-colored vowel*.

Entre as possíveis variantes que ocorrem em posição de coda final no PB, a qual é analisada neste estudo, optamos por trazer a descrição e caracterização do tepe, fricativa, aproximante alveolar e aproximante retroflexa, seguindo dois critérios: a) são os que comumente ocorrem no contexto de coda final, de acordo com a descrição da literatura da área; b) foi notada uma maior frequência desses róticos ao realizarmos uma análise preliminar dos dados gerados por este estudo. Os róticos presentes no português e inglês selecionados a partir dessa análise preliminar serão explorados com maior detalhamento a seguir.

3.1 DESCRIÇÃO DAS VARIAÇÕES DOS SONS DE “R” PARA O PORTUGUÊS E PARA O INGLÊS

Nesta seção, passaremos a descrever, a partir de descrições acústico-articulatórias, as possibilidades de variação do “r” em posição de coda final. Será feita a caracterização mais

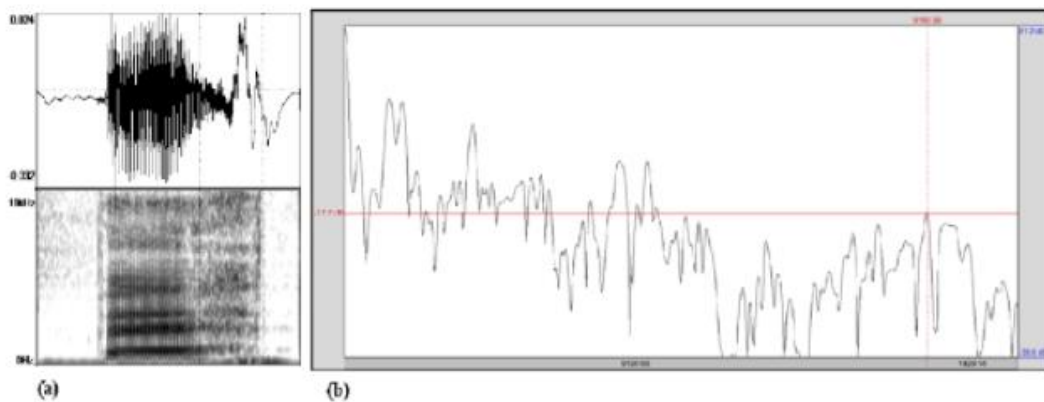
canônica, conforme discutido pela literatura da área e, posteriormente, serão trazidos estudos que oferecem “novas cores” sobre a produção do segmento, a partir de contribuições empíricas.

3.1.1 Português

3.1.1.1 Fricativa

Descrita pela literatura como um som de fricção, devido à proximidade de seus articuladores, a fricativa pode ser identificada de acordo com algumas características acústicas como: ruído, pico spectral e barra de vozeamento. Na Figura 1, trazemos um espectrograma da produção de uma fricativa no estudo de Campos *et al.* (2013), apenas como ilustração visual de um rótico fricativo, visto que não se encontra em posição de coda final. No estudo em questão, as autoras analisaram a produção de róticos por falantes de Maringá -PR e Florianópolis - SC.

Figura 1 - Forma de onda, espectrograma e espectro de frequência de uma fricativa velar não-vozeada na palavra esperto



Fonte: Campos *et al.* (2013, p. 8)

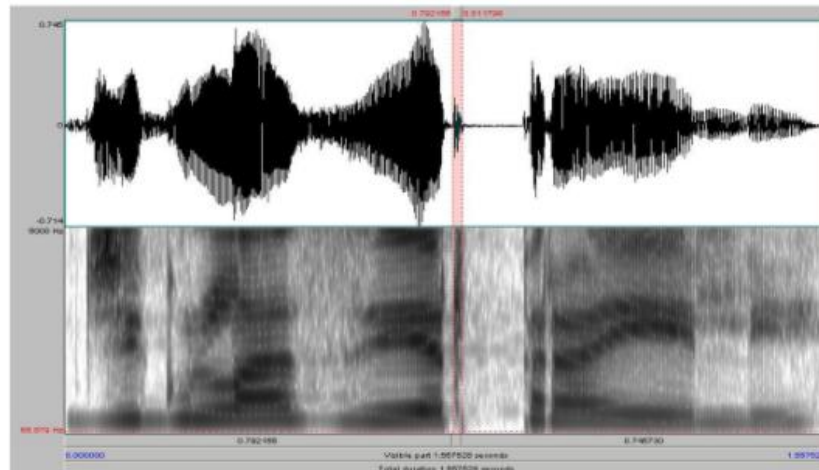
É possível identificar o ruído de um som fricativo através das ranhuras, causadas pela dificuldade que o ar tem em passar pelo trato vocal, visíveis no espectrograma. “O ruído caracteriza o modo de articulação fricativo e diferencia as consoantes fricativas de outros sons da fala.” (CRISTÓFARO-SILVA *et al.*, 2019, p.170). O pico spectral está diretamente ligado ao ruído, pois, trata-se da medida da amplitude mais alta atingida por esse. De acordo com as autoras, a barra de vozeamento ocorre somente em fricativas não vozeadas. Desse modo, a característica em questão é utilizada para identificar o vozeamento da consoante em pauta.

Alguns pesquisadores da área têm se debruçado ao longo dos anos para analisar esse tipo de variação em posição final, principalmente na caracterização da fricativa em coda silábica. Gregio (2012), buscou em seu estudo caracterizar as variantes dos róticos presentes no PB em posição de coda silábica. Para atingir seu objetivo a autora selecionou gravações de 60 falantes adultos, com origem de diversas regiões do país, pertencentes a um banco de dados de fala. Posteriormente, os falantes foram convidados a realizar uma gravação em um estúdio da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), em seguida Gregio (2012) elegeu, a partir de parâmetros articulatórios, 14 áudios para analisar acusticamente, os quais foram organizados de acordo com a região de origem dos falantes. Em seguida, Gregio (2012) selecionou e analisou acusticamente utilizando o software PRAAT, palavras com a consoante “r” em coda silábica: em posição medial de palavra, polissílaba e pré-tônica (percorrido); em posição medial de palavra dissílaba e tônica (garça); em posição de final de palavra, monossílaba e tônica (ser). Após a análise dos dados, a autora caracteriza os róticos presentes nas amostras de fala coletadas como: fricativas (nas cidades da região Nordeste, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Santos), tepe (Porto Alegre) e aproximantes (capital e interior de São Paulo).

3.1.1.2 Tepe

A literatura geralmente descreve esse som, relacionado à classe dos róticos, como uma rápida obstrução da passagem de ar na região dos alvéolos. É possível identificar o tepe de acordo com algumas características acústicas como: ruído transiente, ausência de energia e vogal de apoio. Na Figura 2, trazemos um espectrograma da produção de um tepe no estudo de Clemente (2005), o qual investigou e comprovou a existência do elemento vocálico no rótico em questão em posição de coda final.

Figura 2 – Forma de onda e espectrograma de um tepe na palavra lazer



Fonte: Clemente (2005, p. 28)

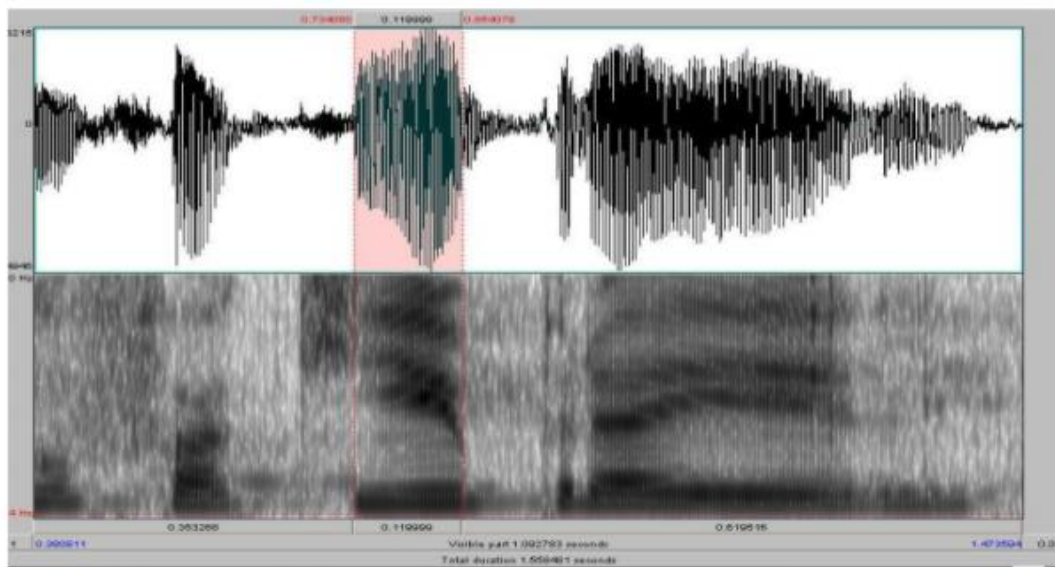
Equivalente à soltura da breve oclusão realizada no tepe, o ruído transiente pode ser identificado no espectrograma como finas estrias verticais. A ausência de energia é a característica acústica mais facilmente identificada no espectrograma, por ser uma faixa quase totalmente branca. “A Ausência de energia no sinal acústico da fala expressa o breve momento de obstrução que corresponde à fase de fechamento do trato vocal na articulação do tepe.” (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2019, p.191). A vogal de apoio, também chamada de elemento vocálico, precede o tepe e pode ocorrer em encontros consonantais e finais de sílaba. Segundo Nishida (2005), no Português Brasileiro a vogal de apoio possui características similares a vogal posterior ao tepe. Buscando analisar esse elemento, Clemente e Nishida (2007) realizaram um estudo a respeito do tap em português brasileiro e no espanhol argentino com o objetivo de caracterizar acusticamente o elemento vocálico exibido a direita do tap em coda, em português brasileiro e espanhol argentino. Para a análise acústica, baseada na Teoria Acústica de Produção da Fala (FANT, 1960), foram coletados dados de quatro informantes falantes de português brasileiro, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, e um informante falante do espanhol argentino, do sexo masculino. Após a análise dos dados, Clemente e Nishida (2007) pontuam que: em ambas as línguas o elemento vocálico em questão é semelhante a um *schwa* e há indicações de que o tepe em posição coda age de forma análoga em ambas as línguas.

3.1.1.3 Aproximante Retroflexa

Classificada na literatura como um rótico a aproximante retroflexa, também chamada de “r” caipira, corresponde ao som realizado pelo movimento de recuo da ponta da língua sobre

seu dorso (CLEMENTE, 2009). Segundo Cristóforo-Silva et al. (2019), esse rótico ocorre particularmente no português brasileiro em posição de coda. É possível identificar a aproximante retroflexa de acordo com algumas características acústicas como: a trajetória ascendente do formante 2 (F2) e a descendente do formante 3 (F3), além de seu valor acima de 2000 Hz. O valor acima de F3 acima de 2000 Hz é uma característica específica da aproximante retroflexa produzida no português brasileiro (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2019). Na Figura 3, trazemos um espectrograma da produção de um retroflexo no estudo de Clemente (2005).

Figura 3 – Forma de onda e espectrograma de um retroflexo na palavra faquir



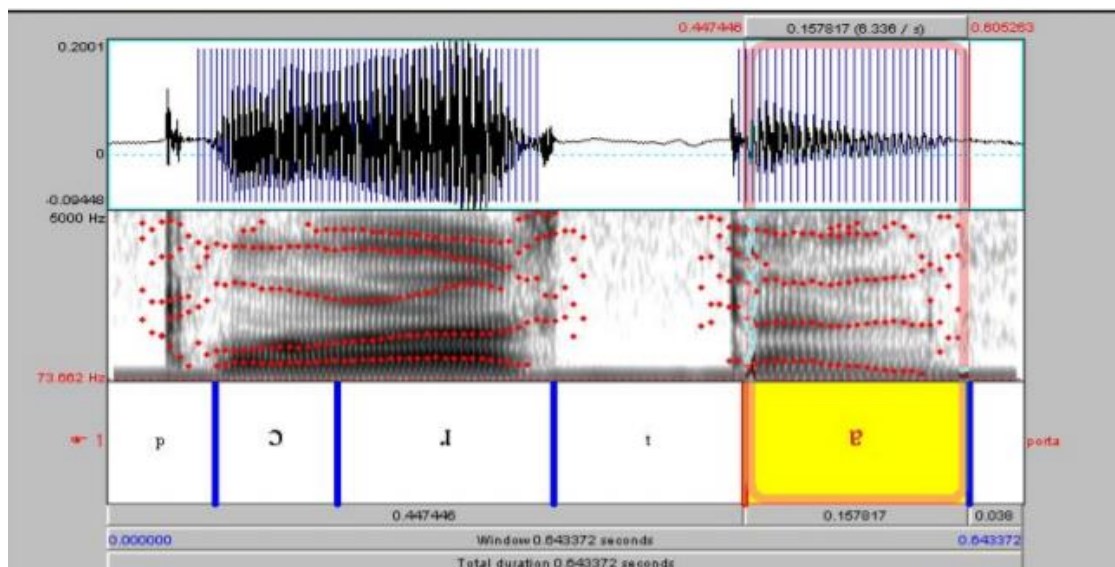
Fonte: Clemente (2005, p. 28)

A aproximante retroflexa é um rótico descrito na literatura como comum nas regiões sul e sudeste do país. Partindo desse pressuposto, Guilherme (2015) analisou em sua pesquisa o “r” no dialeto curitibano em posição de coda. A autora coletou dados de dois informantes naturais de Curitiba (PR), sendo esses pai e filho, e os analisou acusticamente. Para a coleta dos dados foram utilizadas sentenças veículo, leitura de um pequeno conto e fala semi-espontânea. A pesquisa teve como base teórica a fonética e a sociolinguística, e levou em consideração fatores sociais como faixa etária e classe social durante a discussão de dados. Guilherme (2015) efetuou a medição de parâmetros acústicos dos róticos produzidos pelos informantes, e, após a análise dos dados, a autora certifica-se da produção da variante retroflexa pelos informantes.

3.1.1.4 Aproximante Alveolar

Assim como a aproximante retroflexa, a aproximante alveolar também é relacionada a classe dos róticos. A literatura a descreve como uma consoante com características acústicas semelhantes às de uma vogal, pois não possui descontinuidade espectral por se tratar de um som sem obstrução (Haupt,2018). Segundo Leite (2004), além da continuidade espectral outra característica importante de uma aproximante alveolar é trajetória ascendente de F3. Na Figura 4, trazemos um espectrograma da produção de uma aproximante alveolar no estudo de Leite (2004).

Figura 4 – Forma de onda e espectrograma de uma aproximante alveolar na palavra porta



Fonte: Leite (2004, p. 93)

Em seu estudo, Leite (2004) investigou e analisou o comportamento linguístico de falantes de São José do Rio Preto (SP), que viviam em Campinas (SP) devido aos estudos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em relação a pronúncia da aproximante retroflexa considerada a variante típica do interior de São Paulo. A autora teve como hipótese que os informantes disfarçam sua pronúncia típica da consoante r, devido à falta de prestígio que essa carrega. A autora coletou os dados que compõem o *corpus* dessa pesquisa, em entrevistas individuais com oito informantes. Após a análise, Leite (2004) concluiu que os informantes trocam a aproximante retroflexa por aproximante alveolar, pois a julgam com mais prestígio e representam o dialeto da cidade onde viviam no momento.

3.1.1.5 Contribuições de estudos sociolinguísticos sobre variações de róticos no PB

Há alguns anos, pesquisadores da área têm se dedicado a análise da variação dos possíveis sons da consoante “r” no PB. Botassini (2013), em seu estudo analisa a produção de róticos em coda silábica por falantes residentes no norte do Paraná. A partir dos princípios da Sociolinguística Variacionista e pesquisas sobre crenças linguísticas, a pesquisadora buscou descrever as concepções e ações linguísticas dos informantes em relação à produção e uso dos róticos em coda silábica. Para atingir seu objetivo, Botassini (2013) entrevistou 48 informantes residentes em cidades do norte do Paraná com faixa etária entre 20 e 65 anos, sendo dentre esses 16 naturais da região norte paranaense, 16 naturais do Rio Grande do Sul e 16 naturais do Rio de Janeiro. Os dados foram obtidos a partir de uma conversação dirigida, com ordem e conteúdo previamente planejados, e analisados quantitativa e qualitativamente. A autora conclui, a partir dos resultados estatísticos, que as variantes de róticos consideradas típicas de cada região, sendo elas aproximante retroflexa (norte do Paraná), fricativa velar (Rio de Janeiro) e tepe (Rio Grande do Sul), a qual seus participantes pertencem foram produzidas. Além disso, a pesquisadora afirma que todas as hipóteses de seu estudo foram confirmadas: os participantes trocaram a variante rótica de acordo com o grau de formalidade da entrevista; os participantes com maior grau de escolaridade privilegiaram a variante com maior status; a variante aproximante retroflexa obteve a maior frequência de utilização, apesar de não ser considerada uma variante com maior status; os participantes norte paranaenses tendem a mudar a variante rótica com maior frequência em comparação com os participantes naturais do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul; os participantes com grau de escolaridade mais alto apresentaram menos preconceito linguísticos em comparação com os menos escolarizados.

Enquanto Botassini (2013) analisou a variação de róticos em coda silábica por falantes de estados da região sul e sudeste do Brasil e suas crenças linguísticas, Oliveira (2018) investigou a produção das variantes de róticos somente por falantes da região sul do Brasil. Com o objetivo de investigar o processo de apagamento do rótico em coda final e determinar quais são as variantes produzidas na região sul, Oliveira (2018) recorreu a amostras de fala espontânea, de falantes naturais dos três estados que compõem a região sul, pertencentes ao *corpus* do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Com base na teoria Sociolinguística Quantitativa Laboviana, a pesquisadora buscou verificar a influência de fatores linguísticos e sociais nas produções do *corpus*, e ao vínculo entre a presença e ausência da consoante “r” em posição de coda final. Oliveira (2018) apresenta como resultado de sua análise um alto nível de apagamento da consoante em questão na posição de coda final em todas as produções de verbos

presentes nos dados analisados. Entretanto, em não-verbos o nível de apagamento foi baixo. Em relação às variantes de “r” encontradas nos dados de falantes da região sul, Oliveira (2018) confirma a aproximante retroflexa e o tepe como as mais frequentes.

Gregio (2012) analisou as variantes dos róticos presentes no PB em posição de coda silábica. Para atingir seu objetivo, a autora selecionou gravações de 60 falantes adultos, com origem de diversas regiões do país, pertencentes a um banco de dados de fala. Posteriormente, os falantes foram convidados a realizar uma gravação em um estúdio da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Em seguida, a autora elegeu, a partir de parâmetros articulatórios, 14 áudios para analisar acusticamente, os quais foram organizados de acordo com a região de origem dos falantes. Na sequência, os dados foram selecionados e analisados acusticamente, utilizando o software PRAAT. Entre as posições utilizadas para análise do “r” em coda silábica, se encontravam: em posição medial de palavra, polissílaba e pré-tônica (percorrido); em posição medial de palavra dissílaba e tônica (garça); em posição de final de palavra, monossílaba e tônica (ser). Após a análise dos dados, a autora identificou que os róticos presentes nas amostras de fala coletadas como: fricativas (nas cidades da região Nordeste, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Santos), tepes (Porto Alegre) e aproximantes (capital e interior de São Paulo).

3.1.2 Inglês

3.1.2.1 *r-colored vowel*

Classificada por Ladefoged e Johnson (2014) como uma vogal rotalizada, a chamada *r-colored vowel* é um som de “r” comum na variante americana da língua inglesa. Cristófarosilva (2005), afirma que esse som de “r” produzido no inglês americano possui características articulatórias semelhantes às características da aproximante retroflexa, um rótico do português brasileiro.

Um som com características articulatórias bastante semelhantes ao som de “r” do inglês ocorre em certos dialetos do português brasileiro que são popularmente denominados *dialetos caipiras* ou dialetos em que se ‘puxa o r’. Compare a pronúncia da palavra *bar* de um falante do inglês americano (que pronuncia o “r” em final de sílaba) e a pronúncia da palavra *bar* de um falante brasileiro do chamado *dialeto caipira*. (CRISTÓFARO SILVA, 2005, p.39)

Diferentemente do que ocorre no português brasileiro, o rótico em questão no inglês americano pode ocorrer em começo de palavra, como em *radio*, e igualmente em final de palavra, como em *bar*. Entretanto, Ladefoged e Johnson (2014) pontuam que nessa posição em questão a *r-colored vowel* é menos notável, em comparação com a posição de coda. Em posição inicial de palavras da língua inglesa, a consoante “r” pode não ser nomeada apenas como *r-colored vowel*, mas também como aproximante alveolar. É possível identificar a *r-colored vowel* através de algumas características acústicas como: a baixa frequência F3, que segundo Zhou (2009) pode ser considerada a principal característica acústica da consoante em questão, e F2 com frequência próxima a F3.

Compreendendo a consoante em pauta como uma aproximante alveolar, Schadech (2013)¹ analisou em sua pesquisa a produção da consoante “r” em palavras de língua inglesa por aprendizes brasileiros e suas implicações para a inteligibilidade e compreensibilidade. A fim de identificar se as produções não padrão de estudantes brasileiros, da consoante em começo de sílaba em palavras do inglês, realmente dificultam a inteligibilidade e compreensibilidade, a autora coletou dados de 40 estudantes brasileiros, pertencentes ao curso de letras e secretariado executivo, e 2 falantes nativos de língua inglesa, sendo um falante da variante americana e outro da variante britânica. Schadech (2013) solicitou aos 40 participantes a leitura de 20 sentenças-veículo em PB, 30 em inglês, dentre essas 10 sentenças possuíam palavras distratoras. Contribuíram também para a pesquisa: 28 falantes de nativos de inglês, 24 estudantes de pós-graduação em letras e 21 estudantes brasileiros de inglês com nível avançado de proficiência na língua, os quais ouviram as palavras gravadas dos participantes e as classificaram de acordo com o grau de dificuldade de compreensão. Apenas 14 dos 40 participantes, produziram o rótico não padrão. Schadech (2013) conclui que a produção não padrão dos róticos (aproximante alveolar por fricativa glotal), em palavras de língua inglesa, afeta a inteligibilidade e compreensibilidade.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, iremos descrever a metodologia da presente pesquisa. Portanto, apresentaremos novamente o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo. Na sequência, descreveremos os informantes, instrumentos de pesquisa e como foi realizada a coleta de dados.

¹ A autora adota uma nomenclatura diferente da referência utilizada neste estudo

A escolha do método e natureza de pesquisa ocorreu devido ao contexto em que o estudo foi desenvolvido. Inicialmente em 2019, durante o desenvolvimento do projeto desta pesquisa, o nosso intuito era coletar dados de brasileiros naturais de diferentes regiões do país, a fim de verificar se os diferentes róticos do PB influenciam, dificultando ou facilitando, na pronúncia da *r-colored vowel* em coda. Entretanto, infelizmente, durante o primeiro semestre de 2020, período que ocorreriam a coleta de dados e desenvolvimento do estudo, foi iniciado o contexto de pandemia. Devido a situação, uma série de medidas foram implementadas para a nossa segurança, como a suspensão de aulas e encontros presenciais.

Desse modo, foi necessário reformular a pesquisa à realidade que vivíamos. Felizmente, mesmo diante de várias limitações impostas pela circunstância foi possível realizar a coleta de dados a distância. Contudo, foram necessárias mais reformulações, pois o calendário acadêmico sofreu mudanças significativas, a adaptação ao modelo remoto de atividades acadêmicas sobrecarregou física e psicologicamente docentes e discentes, além de questões relacionadas à qualidade dos dados e a heterogeneidade no grupo informantes.

4.1 OBJETIVOS

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a produção do r em posição de coda silábica final em palavras do PB e do inglês por uma falante brasileira. Além disso, a presente pesquisa tem como objetivos específicos verificar, por meio de uma comparação entre os dados, se a informante reproduz os padrões de róticos do PB em língua inglesa, e se seu nível de fluência influencia na pronúncia da *r-colored vowel* em posição de coda.

4.2 INFORMANTES

Contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa 10 pessoas de diferentes cidades das regiões sul, sudeste, norte e nordeste do país, sendo 6 mulheres e 4 homens, com faixa etária entre 18 e 38 anos. Grande parte dos informantes pertenciam à comunidade acadêmica: 7 discentes e 1 docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Os demais informantes não faziam parte da comunidade acadêmica da UTFPR e sendo assim, tiveram conhecimento do estudo através da pesquisadora.

Coletamos os dados de todos os 10 informantes, entretanto, iremos analisar os dados de somente 1 participante. Optamos por realizar um estudo de caso, ao invés de uma análise comparativa entre todos os participantes pelos seguintes motivos: a qualidade dos áudios

coletados, a grande diferença do nível de fluência em língua inglesa entre os participantes, e o prazo limitado para analisar todos os dados.

A informante escolhida para a análise foi uma mulher brasileira de 37 anos, natural de Curitiba, mas que cresceu e viveu durante seus primeiros 14 anos no interior do Paraná. Além disso, a informante viveu os primeiros 12 anos de sua vida adulta em Florianópolis, onde iniciou sua carreira acadêmica, retornando e mantendo residência em sua cidade natal há 7 anos. Embora a informante seja do sul do país, consideramos relevante a informação de que seus pais são naturais da região norte: a mãe paraense da Ilha de Marajó e o pai maranhense da cidade Balsas. Além disso, consideramos relevante destacar a percepção que a própria informante nos revelou ter a respeito de seu sotaque durante a entrevista semiestruturada: a informante diz não reconhecer seu sotaque como comum a alguma região ou cidade do país devido aos vários lugares que morou.

Ademais, a informante é docente no curso de Letras Inglês e no Centro Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da UTFPR, além de ter morado na Inglaterra durante 3 meses. Portanto, a informante utiliza a língua inglesa com frequência e possui um alto nível de proficiência. Contudo, ressaltamos que no período em que a coleta ocorreu a informante não estava lecionando e sendo assim, ela pouco estava utilizando o inglês em sua rotina.

4.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA E INFORMAÇÕES SOBRE A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a coleta de todos os dados que precisávamos com o propósito de concluir nossos objetivos, utilizamos como instrumentos de coleta: uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) baseada em um questionário com perguntas abertas e fechadas; e uma lista de estímulos constituída por sentenças-veículo em português e inglês (apêndice C e D). A seguir, descreveremos cada um dos instrumentos de coleta e o motivo de seus usos.

A escolha de trabalhar com uma entrevista semiestruturada foi tomada durante o desenvolvimento do projeto deste estudo. Acreditamos que essa entrevista nos ajudaria a obter informações importantes a respeito do informante, seu possível dialeto do português e sua frequência de uso da língua inglesa, além de outras informações a respeito de seu *background* linguístico. De fato, tais informações obtidas por meio deste instrumento de coleta foram essenciais para análise de dados.

Outro motivo para essa escolha, que deve ser salientado é conseguir obter uma amostra de fala menos monitorada do informante, pois entendemos que este tipo de entrevista tende a ser similar a uma simples conversa. A realização da entrevista semiestruturada ocorreu em julho

de 2020 por meio da plataforma *Google Meet*. As entrevistas tiveram em média a duração de 15 minutos e foram gravadas através da plataforma utilizada.

Ao final da entrevista, explicamos aos informantes como seria o desenvolvimento da segunda etapa da coleta de seus dados, a gravação das sentenças-veículo. Elaboramos um documento com orientações (apêndice B) e sugestão de aplicativo com o intuito de facilitar essa tarefa totalmente adaptada ao contexto pandêmico em que estávamos inseridos. Após a entrevista, enviamos via e-mail com documento descrito acima e outros dois com as sentenças, em português e inglês, para a realização da gravação. Estipulamos o prazo de uma semana para o cumprimento desta etapa, o qual foi realizado por todos.

Os informantes receberam dois documentos, um em português e outro em inglês, cada um continha 3 tabelas sendo cada uma constituída pelas mesmas 24 sentenças-veículo, em diferentes ordens, em sua respectiva língua. Entre as 24 sentenças-veículo em português, 9 continham palavras alvo com a consoante r em posição de coda e 15 continham palavras distratoras. Foram escolhidas como palavras alvo em português, palavras com 1 e 2 sílabas iniciadas por consoantes oclusivas, nasais e fricativas. E, entre as 24 sentenças-veículo em inglês, 10 continham palavras alvo com a consoante r em posição de coda e 15 continham palavras distratoras. Foram escolhidas como palavras alvo em inglês, palavras com 1 e 2 sílabas iniciadas por consoantes oclusivas, nasais e fricativas. Optamos por palavras com as consoantes citadas, nas duas línguas, pois possuem características acústicas distintas dos róticos facilitando assim a localização desse no espectrograma e conseqüentemente a análise.

Para atingir os objetivos, realizamos uma análise qualitativa baseada em uma inspeção visual dos espectrogramas e na mensuração da frequência de ocorrência de cada rótico. Optamos por realizar uma análise de frequência, pois apesar de não ser tão completa quanto uma análise acústica apurada, oferece um panorama geral sobre a produção da informante e se mostrou mais adequada ao prazo que possuíamos.

5 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, iremos discorrer sobre a análise de dados, de forma apresentar primeiro as análises para os dados do português e, posteriormente, do inglês. Apresentaremos a análise dos segmentos róticos identificados nos dados da informante, através de uma análise essencialmente qualitativa baseada em uma inspeção visual dos espectrogramas, apoiada na literatura apresentada na seção róticos, e na mensuração da frequência de ocorrência de cada rótico.

5.1 PORTUGUÊS

Nesta subseção, iremos apresentar os róticos conforme foram identificados nos dados produzidos pela informante, para os dados do português, e suas frequências de ocorrência. Além disso, discutiremos sobre algumas questões, que consideramos relevantes a respeito dos dados apresentados. Conforme descrito na seção de metodologia deste trabalho, o estudo contou com um total de 27 sentenças-alvo em português (9 sentenças em 3 repetições). Nesse sentido, na tabela 1, apresentamos os róticos e suas respectivas frequências de ocorrência, sendo que 100% representa 27 frases.

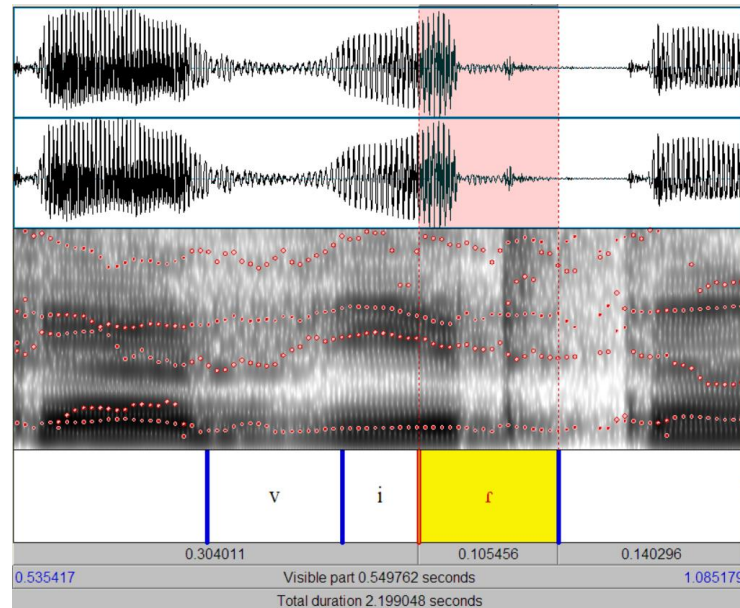
Tabela 1 – Róticos identificados em português e frequência de ocorrência

Róticos	Frequência	Porcentagem
Tepe	13	48,15%
Tepe tendendo a retroflexo	8	30%
Aproximante Alveolar	5	18,52%
Aproximante Alveolar com tendência a tepe	1	3,70%

Fonte: A autora (2021)

Como é possível observar através da Tabela 1, a informante produziu majoritariamente o rótico tepe. Na Figura 5, apresentamos um tepe produzido pela informante na palavra “vir”.

Figura 5 – Forma de onda e espectrograma na palavra vir, na 1ª repetição



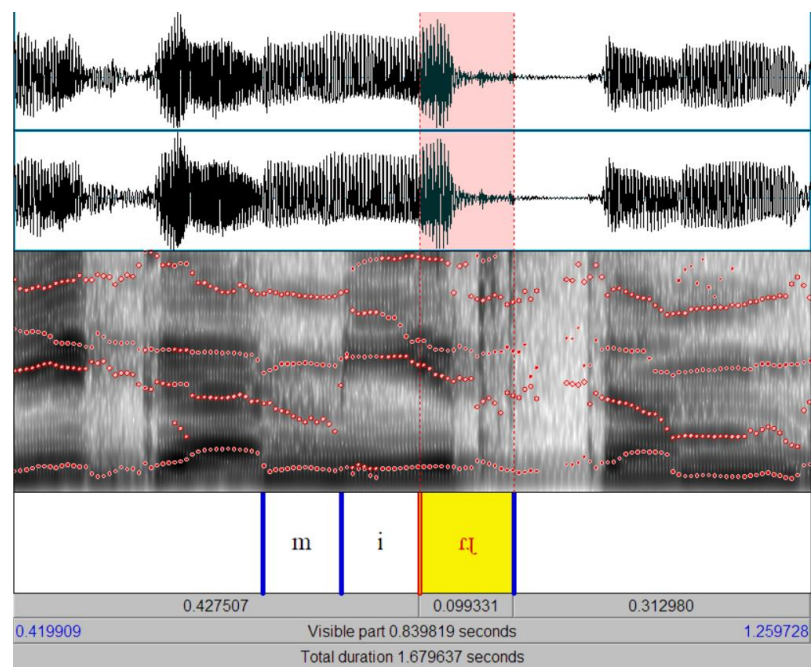
Fonte: A autora (2021)

De acordo com Monaretto (1997, apud OLIVEIRA, 2018, p. 33), o tepe é a variante de rótico mais realizada no sul do Brasil, região onde a informante viveu durante toda a sua vida. Contudo, a autora afirma, com base nos dados obtidos em sua pesquisa a respeito da produção de róticos nas capitais do sul do Brasil, que em posição de coda final as variantes mais utilizadas em Florianópolis e Curitiba, cidades onde a informante viveu por mais anos, são respectivamente vibrante posterior e a aproximante retroflexa. Desse modo, podemos inferir que há a possibilidade de a informante ter passado por um processo de adaptação e, talvez, maior identificação com outras variantes, diferente das produzidas nas cidades onde viveu por mais tempo. Ressaltamos que durante a entrevista semiestruturada (realizada antes da coleta de dados) a informante afirma que acredita não ter um sotaque comum a uma única cidade e/ou região do país. Tal aspecto se apresenta como importante dentro de uma leitura da sociolinguística e, em especial, da sociofonética, pois apesar de não haver uma percepção ou maior identificação da participante com um determinado tipo de sotaque, sua fala mostra tendências relacionadas ao tempo de permanência nos lugares e, ao mesmo tempo, das variantes que optou por ir trazendo para sua fala.

Outra possibilidade ainda dentro do campo da identidade linguística é a questão da atitude linguística, a qual Leite (2004) investigou em seu estudo sobre estudantes universitários de São José do Rio Preto (SP) que buscavam disfarçar seu sotaque, marcado principalmente pela produção da aproximante retroflexa, pois não o consideravam adequado a cidade onde

estavam vivendo naquele momento. A informante viveu durante toda a sua infância e parte da adolescência em cidades do norte do Paraná, onde o sotaque é principalmente caracterizado através literatura pela presença da aproximante retroflexa, e posteriormente viveu durante o começo de sua vida adulta em uma cidade e estado onde essa variante não é comum. Acreditamos que há a possibilidade de a informante ter tomado a mesma atitude dos jovens estudantes analisado no estudo de Leite (2004), considerando que o segundo rótico com maior frequência de ocorrência é o que nomeamos como tepe retroflexo. Na figura 6, de modo a mostrar a segunda maior frequência de ocorrências de róticos, apresentamos um tepe retroflexo produzido pela informante na palavra “mir”.

Figura 6 - Forma de onda e espectrograma na palavra mir, na 2º repetição



Fonte: A autora (2021)

O rótico nomeado como tepe retroflexo, possui características de um retroflexo, trajetória decrescente de F3 e ascendente de F2 (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2019) e, também, de um tepe, ausência de energia visível no espectrograma como a faixa em branco (CRISTÓFARO-SILVA et al., 2019). O rótico em questão ocorreu com maior frequência durante a terceira repetição, a qual consideramos ser a menos monitorada, diante disso podemos concluir que há influência da aproximante retroflexa na fala da informante.

Em seu estudo sobre a produção de róticos no PB, Ferraz (2005) analisou dados de falantes de Pato Branco, interior do Paraná, e igualmente encontrou um tepe tendendo ao retroflexo. O autor nomeia este rótico como *tap* retroflexo e o descreve da seguinte forma: “[...] um elemento vocálico, um sinal de retroflexão (observado na trajetória dos formantes), um tap e, finalmente, mais um elemento vocálico que tem duração aproximada de 20ms” (FERRAZ, 2005, p. 53). O autor pontua que a produção de um rótico com este tipo de gradiência, pode ser resultado de um monitoramento na fala.

“A produção de um som com as características acima pode ser resultado de um monitoramento durante a leitura, ou seja, o falante tenta escapar da produção do retroflexo, todavia essa preocupação, que foi chamada de acobertamento por Leite (2004), parece não ser suficiente para eliminar a característica da retroflexão, principalmente na leitura das palavras paroxítonas” (FERRAZ, 2005, p. 53).

Embora o estudo tenha sido realizado há 15 anos atrás, a ocorrência da gradiência em róticos, especialmente em um tepe com tendência a retroflexão, ainda é pertinente e desse modo podemos inferir que não se tratam de casos isolados.

5.2 INGLÊS

Nesta subseção iremos apresentar os róticos conforme foram identificados nos dados produzidos pela informante, em língua inglesa, e suas frequências de ocorrência. Além disso, discutiremos sobre algumas questões que consideramos relevantes a respeito dos dados apresentados. Conforme descrito na seção de metodologia deste trabalho, o estudo contou com um total de 30 sentenças-alvo em inglês (10 sentenças em 3 repetições). Na tabela 2, apresentamos os róticos identificados e suas respectivas frequências de ocorrência, sendo que 100% representa 30 frases.

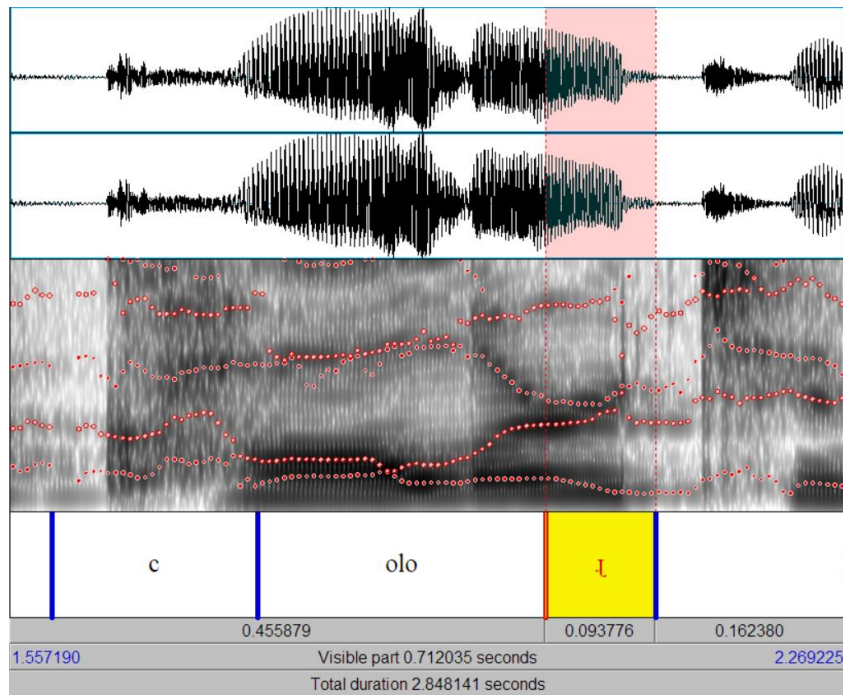
Tabela 2 – Róticos identificados em inglês e frequência de ocorrência

Róticos	Frequência	Porcentagem
<i>R-colored Vowel com tendência à aproximante retroflexa</i>	25	83,30%
<i>R-colored Vowel com tendência a tepe</i>	2	6,70%
Aproximante Alveolar	3	10%

Fonte: A autora (2021)

Conforme apresentado na tabela 2, identificamos que a informante produziu majoritariamente a *r-colored vowel*, o rótico considerado pela literatura como típico da variante norte americana da língua inglesa. Tal ocorrência já era esperada, uma vez que a informante provém de um dialeto no qual existe a retroflexão e, conforme analisamos na seção anterior, a falante a produz. De acordo com a descrição acústica e articulatória dos róticos apresentados na seção 3, a *r-colored vowel* possui características similares a da retroflexão, como no tepe retroflexo, o qual foi identificado como nas produções em português da informante. No entanto, é importante destacar as outras duas variantes de róticos encontradas: a *r-colored vowel* com tendência a tepe e a aproximante alveolar, ambas presentes nos dados da informante em língua portuguesa. Na figura 7, apresentamos uma *r-colored vowel* com tendência a tepe produzida pela informante na palavra “*color*”.

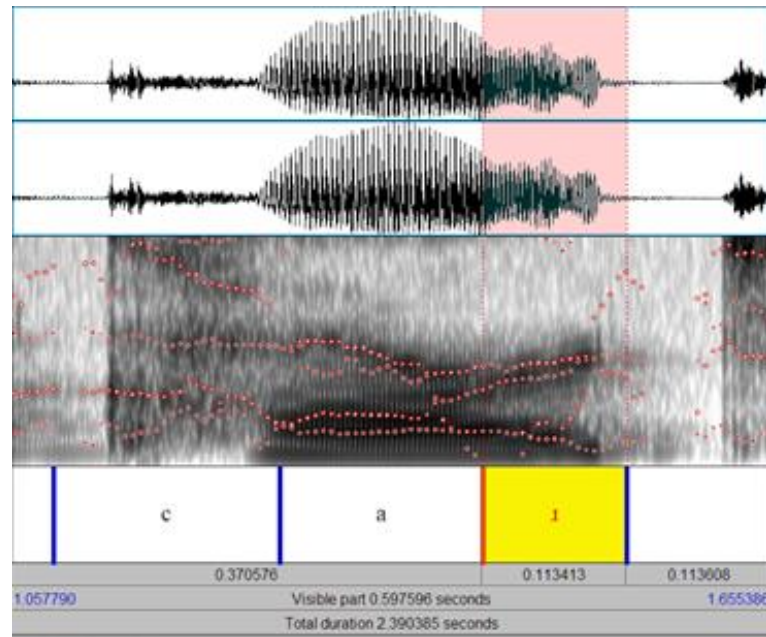
Figura 7 – Forma de onda e espectrograma na palavra *color*, na 3ª repetição



Fonte: A autora (2021)

O rótico classificado por nós como *r-colored vowel* com tendência a tepe, possui características da *r-colored vowel* (baixa frequência de F3) e também de um tepe (ausência de energia visível no espectrograma como a faixa em branco). Salientamos, que um rótico com características semelhantes (tepe retroflexo) obteve uma alta frequência nos dados de língua portuguesa. Outra variante com frequência relevante é a aproximante alveolar, presente nos dados das duas línguas analisadas. Na figura 8, apresentamos uma aproximante alveolar produzida pela informante na palavra “car”.

Figura 8 – Forma de onda e espectrograma na palavra *car*, na 3º repetição



Fonte: A autora (2021)

Após analisar visualmente os espectrogramas de cada dado coletado, medir a frequência de ocorrência de cada rótico, e de ler e ouvir a resposta de cada pergunta presente no questionário da entrevista semiestruturada, concluímos que a informante produz os róticos da língua inglesa com base nos padrões dessa. Entretanto, há uma influência dos padrões de róticos do PB produzidos pela informante, o que vai ao encontro com os padrões linguísticos de falantes bilíngues apresentados por Grosjean (2008): para um bilíngue uma língua nunca está totalmente adormecida, percebemos tal fato através das interferências linguísticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo foi verificar se a variante rótica da língua materna (PB) de uma falante brasileira bilíngue, falante de inglês como L2, exerce influência na produção do rótico em inglês. Para atingir esse propósito coletamos, de forma remota, os dados que compõem o *corpus* da presente pesquisa. A mudança de um método de coleta remoto ao invés de presencial ocorreu devido à pandemia COVID-19. Sendo assim, não foi possível realizar a gravação das sentenças-veículo e entrevista semiestruturada em ambiente com isolamento acústico e gravadores profissionais. Dessa forma, encontramos algumas interferências, os

chamados ruídos, nos dados analisados o que de alguma forma causou um pouco de dificuldade durante as análises.

Apesar de todas as limitações citadas, obtivemos importantes resultados em relação ao nosso objetivo. Após analisar visualmente os espectrogramas de cada dado coletado, medir a frequência de ocorrência de cada rótico, e de ler e ouvir a resposta de cada pergunta presente no questionário da entrevista semiestruturada, concluímos que a informante produz os róticos da língua inglesa com base nos padrões dessa. Entretanto, há uma influência dos padrões de róticos do PB produzidos pela informante, o que vai ao encontro com os padrões linguísticos de falantes bilíngues apresentados por Grosjean (2008): para um bilíngue uma língua nunca está totalmente adormecida, percebemos tal fato através das interferências linguísticas.

Considerando os dados do português, foi possível identificar que a falante de alguma maneira recupera os dados sociolinguísticos descritos por Leite (2004), a respeito da atitude linguística de escolher uma variante diferente da descrita como pertencente a região de origem devido a questões relacionadas a identidade. Também foi possível observar que os róticos produzidos pela informante não seguiam os parâmetros acústicos canonicamente, acreditamos que as cidades onde a participante viveu e questões relacionadas a sua identidade linguística influenciam nessa gradência. Acreditamos que pesquisas posteriores possam averiguar de forma mais profunda essa questão.

Considerando os dados do inglês, pudemos verificar considerável influência da variante rótica do PB pertencente a informante em suas produções em língua inglesa, principalmente na última repetição das sentenças-veículo, a qual acreditamos a fala estar menos monitorada em relação as repetições anteriores.

Acreditamos que o presente estudo contribuirá para pesquisa futuras, assim como os estudos de Leite (2004), Clemente (2005), Guilherme (2015) entre outros, contribuíram para com a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra. **Manual de Fonética Acústica Experimental**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **crenças e atitudes linguísticas: um estudos dos róticos em coda silábica no norte do paraná**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CAMPOS, Eliane Cristina Scandiuzzi Scramim Lourencetti de *et al.* **estudo de casos: os róticos em maringá (PR) e florianópolis (SC)**. 2013. 14 f. Monografia (Especialização) - Curso de Letras Português, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CLEMENTE, Felipe Costa. **análise acústica do tap em coda no português brasileiro**. 2005. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CLEMENTE, Felipe Costa. **retroflexão gradiente nos róticos em coda no pb de curitiba**. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro: os sons**. Belo Horizonte: FALE - UFMG 2005.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CRISTÓFARO SILVA, Thais; SEARA, Izabel; SILVA, Adelaide; RAUBER, Andreia Schurt; CANTONI, Maria. **Fonética Acústica: os sons do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2003.

FERRAZ, I.S. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do Português**

Brasileiro: dados de informantes de Pato Branco. Dissertação de Mestrado, inédita. UFPR, 2005.

FOULKES, Paul et al. **Sociophonetics.** In.: HARDCASTLE, William; LAVER, John; GIBBON, Fiona. *The handbook of phonetic sciences.* 2.ed. Oxford: Wiley – Blackwel, 2010.

GROSJEAN, F. ***Life with two Languages: An Introduction to Bilingualism.*** Cambridge: Havard University Press, 1982.

GREGIO, Fabiana Nogueira. **variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico.** 2012. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUILHERME, Maria Lígia Freire. **Sociofonética: uma análise acústica do /R/ em coda no dialeto curitibano.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português-Inglês) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

HAUPT, Carine. **estudo acústico dos róticos no português tocantinense: contribuições a partir da teoria dos exemplares.** 2018. 18 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; HORA, Dermeval da. **Identidade e língua: a realização da fricativa /s/ em coda silábica como marca identitária.** *Nonada: letras em revista*, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 40-60, jan. 2015. Semestral.

LABOV, Willian. **The Social Stratication of English in New York City.** Washington, Dc, 1966.

LADGEFOGED, Peter; JOHNSON, Keith. **A Course in Phonetics.** Wadsworth: Cengage Learning, 2011.

LEITE, Cândida Mara Britto. **Atitudes Lingüísticas: a Variante Retroflexa em Foco**. 2004. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

NISHIDA, Gustavo. **análise acústica do tap em grupos no pb**. 2005. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

NISHIDA, Gustavo; CLEMENTE, Felipe Costa. **características acústicas do tap em coda: dados do português de curitiba e do espanhol de buenos aires**. Revista Letras, Curitiba, p.73-78, dez. 2007.

OLIVEIRA, Ingrid da Costa. **os róticos em coda silábica externa: o interior da região sul no projeto alib**. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Ingrid da Costa; SANTANA, Mayra; XAVIER, Karilene da Silva; SERRA, Carolina Ribeiro. **O Rótico Em Coda Silábica Final Na Região Sul Do Brasil: Variação E Mudança No Corpus Do Alib**. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 334-364, nov. 2018.

SANTOS, Ivonete da Silva. **Identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural**. 2018. 160 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

SCHADECH, Taís Suzana. **The production of word-initial /r/ by Brazilian learners of English and the issues of comprehensibility and intelligibility**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SCHOLL, Ana Paula. **Proficiência Autoavaliada Através De Um Questionário De Histórico Da Linguagem**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Susiele Machry da. **Aprendizagem fonológica e alofônica em l2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol**. 2014. 257 f.

Tese (doutorado) - Curso de Programa De Pós-Graduação Em Letras, Pontificia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2014.

ZHOU, Xinhui. *An mri-based articulatory and Acoustic study of american English liquid sounds /r/ and /l/*. 2009. 170 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Filosofia, University Of Maryland, College Park, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Questionário de identificação e histórico da linguagem dos participantes da pesquisa da Aluna de Letras Inglês Yasmin Canela Ferreira sob orientação da Profa. Dra. Jeniffer Albuquerque

O presente questionário deveria ser aplicado/respondido presencialmente, entretanto o contexto em que vivemos não permite que isso seja feito. Sendo assim, faremos uma chamada de vídeo, a qual será gravada com o seu consentimento, a fim de coletar as informações necessárias para a pesquisa.

Duração estimada: 10 minutos.

Informações pessoais:

Nome: _____

Idade: _____

Cidade natal: _____

Cidade onde possui residência atualmente: _____

Cidade natal dos pais: _____

Quais cidades já morou e por quanto tempo: _____

Já morou em outro país? Se sim, por quanto tempo: _____

Você acha que possui um sotaque da língua portuguesa? Se sim, como o define?

Informações linguísticas:

1. Liste todas as línguas que você conhece na ordem em que foram adquiridas (1 sendo sua língua nativa):

Língua 1	Língua 3
Língua 2	Língua 4

2. Onde estudou as línguas que sabe:

3. Por quanto tempo estudou as línguas que sabe:

4. Marque com um X em que língua você realiza estas atividades e circule o número correspondente à frequência com que elas acontecem:

1 = algumas vezes por ano 2 = uma vez por mês 3 = uma vez a cada duas semanas

4 = uma vez por semana 5 = mais de uma vez por semana 6 = diariamente

	Língua 1	Frequência	Língua 2	Frequência	Língua 3	Frequência	Língua 4	Frequência
Fala com seu pai		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala com sua mãe		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala com familiares		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala com amigos		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala no trabalho/faculdade		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Lê/escreve no trabalho/faculdade		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6

5. Estime a porcentagem de tempo em que você usa cada língua diariamente (o total deve ser 100%):

	% de tempo
Língua 1	
Língua 2	
Língua 3	
Língua 4	

APÊNDICE B

Instruções para a gravação

Olá, como vai?

Gostaria de agradecer o aceite em continuar fazendo parte da pesquisa. Sendo assim, mando abaixo algumas orientações e alguns cuidados para a gravação que você irá realizar:

- 1) Você pode gravar seus áudios tanto no computador (com softwares que tenha disponíveis) ou celular. Em qualquer um desses dispositivos, sugerimos os seguintes cuidados:
 - a) Assim que escolher o dispositivo no qual realizará as gravações (se no computador ou celular), use sempre o mesmo dispositivo para realizar a gravação de todas as sentenças.
 - b) Escolha um local silencioso (sabemos que todos estão em casa e que nem sempre temos um espaço totalmente liberado de silêncio). Nesse sentido, recomendamos que gravem o áudio longe de janelas, ou de salas e ambientes próximos da rua.
 - c) Escolha um local com móveis, a fim de evitar o eco;
 - d) Mantenha o celular ou o computador à, mais ou menos, um palmo de distância da sua boca enquanto estiver gravando;
 - e) Ative o modo “Não Perturbe” ou “Modo Avião” em seu celular, para que possíveis notificações não interfiram no áudio.
 - f) Caso tenha episódios de barulho ou interrupções durante a gravação, fique tranquilo em recomençar e retomar a gravação, até no mesmo áudio.
 - g) Não realize a gravação pelo WhatsApp, pois isso irá diminuir a qualidade da gravação;
 - h) Para gravar, utilize se possível um aplicativo específico para isso;
 - i) Caso não tenha ainda um aplicativo específico, sugerimos os seguintes:
 - Android: Easy Voice Recorder
 - iOS: Voice Memos
- 2) Separe as gravações das sentenças em inglês e português, ou seja, sugerimos que em um dia sejam gravadas as sentenças em português e, no outro, apenas as sentenças

APÊNDICE D

1° repetição		2° repetição	
Say "a dear" to me	Say "a die" to me	Say "a cat" to me	Say "a four" to me
Say "a kid" to me	Say "a dolar" to me	Say "a pet" to me	Say "a car" to me
Say "a bear" to me	Say "a pie" to me	Say "a bar" to me	Say "a fable" to me
Say "a pet" to me	Say "a bar" to me	Say "a table" to me	Say "a die" to me
Say "a car" to me	Say "a day" to me	Say "a door" to me	Say "a cart" to me
Say "a table" to me	Say "a bay" to me	Say "a day" to me	Say "a bye" to me
Say "a pair" to me	Say "a door" to me	Say "a lid" to me	Say "a color" to me
Say "a bye" to me	Say "a cart" to me	Say "a beer" to me	Say "a tie" to me
Say "a cat" to me	Say "a fable" to me	Say "a kid" to me	Say "a dear" to me
Say "a four" to me	Say "a heart" to me	Say "a bear" to me	Say "a pie" to me
Say "a lid" to me	Say "a color" to me	Say "a bay" to me	Say "a heart" to me
Say "a beer" to me	Say "a tie" to me	Say "a pair" to me	Say "a dolar" to me
3° repetição			
Say "a four" to me	Say "a heart" to me		
Say "a cat" to me	Say "a fable" to me		
Say "a car" to me	Say "a beer" to me		
Say "a tie" to me	Say "a die" to me		
Say "a pet" to me	Say "a cart" to me		
Say "a pair" to me	Say "a table" to me		
Say "a kid" to me	Say "a dolar" to me		
Say "a bear" to me	Say "a pie" to me		
Say "a lid" to me	Say "a color" to me		
Say "a door" to me	Say "a bye" to me		
Say "a bar" to me	Say "a bay" to me		
Say "a day" to me	Say "a dear" to me		